



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

TAYANE ALVES PINHEIRO

VELHA E NOVA JAGUARIBARA: vivências inundadas pelo Açude Castanhão e seus impactos socioemocionais

Icó – CE

2024

TAYANE ALVES PINHEIRO

VELHA E NOVA JAGUARIBARA: vivências inundadas pelo Açude Castanhão e seus impactos socioemocionais

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção de título de bacharel em Psicologia. Orientador: Prof. Esp. Davi Sampaio Cardoso

AGRADECIMENTOS

Escrevo estas linhas de agradecimento dedicando-as primeiramente a Deus, que até aqui me sustentou com Sua graça infinita. Muitas vezes me deparei com provações, desafios e o sentimento paralisante do medo. Contudo, Deus, com Seu amor e cuidado incondicionais, estendeu a Sua mão e não permitiu que eu desistisse deste sonho tão almejado e cultivado em meu coração.

Minha gratidão também é dedicada aos meus pais, Adriana e Alberto, que, sob o calor de tantas batalhas, me fizeram alcançar a sombra do sucesso. Pelas incontáveis vezes em que abriram mão de seus próprios desejos e necessidades para me oferecer educação, oportunidade e o privilégio de me tornar uma filha graduada. Ao meu amado irmão, Henrique, obrigada por ser alguém que me trouxe a felicidade em abundância. A vocês, meu amor eterno e imensurável!

De forma igualmente especial, agradeço ao meu esposo, Júnior, pelo companheirismo, paciência, cuidado e por sonhar junto comigo. Sua presença foi um alicerce constante em minha jornada. Eu te amo demais!

Costumo dizer que, se hoje cheguei até aqui, foi porque Beatriz, minha irmã, me acolheu com tanto amor e carinho. Sua ajuda incondicional e apoio constante foram essenciais. Sentir você vibrar comigo em cada conquista e perceber o orgulho em seus olhos por quem me tornei é uma força que renova a minha alma e ilumina meu sorriso. Te amo, Bibi!

Às minhas amigas, que compartilharam essa caminhada tão desafiadora e, ao mesmo tempo, tão cheia de leveza e afeto. Que este laço tão bem entrelaçado permaneça firme, mesmo quando a distância vier a nos separar. Obrigada por serem exatamente como são. Amo vocês de todo o coração!

Agradeço ainda, de maneira especial, ao meu orientador, Davi. Sua calma, paciência e sabedoria foram bússolas durante este processo. Sua gentileza, aliada a uma visão poética e inspiradora, foi uma motivação essencial para a condução desta escrita.

Por fim, mas com igual importância, expressei minha gratidão a Jaguaribara, minha cidade natal. Pequena no tamanho, mas imensa em história, cultura, acolhimento e senso de pertencimento. As vivências marcadas por alegrias, dores e esperanças me inspiraram a escolha deste tema. Amo declarar que sou Jaguaribarense. Este é, sem dúvida, o meu lugar no mundo.

VELHA E NOVA JAGUARIBARA: Vivências inundadas pelo Açude Castanhão e seus impactos socioemocionais

OLD AND NEW JAGUARIBARA: Experiences flooded by the Castanhão Reservoir and its socio-emotional impacts

Tayane Alves Pinheiro¹
Davi Sampaio Cardoso²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender os impactos socioemocionais causados pela migração forçada da população de Velha Jaguaribara para Nova Jaguaribara em decorrência da construção do Açude Castanhão, o maior açude do Brasil. Esse deslocamento compulsório não implicou apenas a mudança física, mas também uma ruptura significativa nos laços sociais, culturais e afetivos que sustentavam a identidade coletiva da comunidade. O estudo foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Góis (2005), Ceará (2022) e Santos (2020), que discutem conceitos como pertencimento, memória coletiva e vínculos afetivos com o espaço geográfico. Os resultados evidenciaram que a migração comprometeu práticas comunitárias consolidadas, afetando a coesão social e provocando sentimentos de desamparo, especialmente entre os moradores mais idosos. Ao mesmo tempo, foi observada a capacidade de resiliência dos habitantes, que buscaram preservar suas tradições e raízes culturais na nova cidade, mesmo diante das adversidades. As contribuições deste trabalho destacam a necessidade de políticas públicas que considerem os aspectos emocionais e culturais das populações impactadas por grandes obras de infraestrutura, promovendo estratégias de apoio psicológico e social que minimizem os efeitos de deslocamentos forçados. Além disso, reforça-se a importância de preservar a memória histórica como forma de fortalecer o senso de pertencimento e a adaptação das comunidades em novos territórios.

Palavras-chave: Jaguaribara. Açude Castanhão. Pertencimento. Comunidade. Identidade.

ABSTRACT

This article aims to understand the socio-emotional impacts caused by the restricted migration of the population from Velha Jaguaribara to Nova Jaguaribara as a result of the construction of the Castanhão Dam, the largest dam in Brazil. This compulsory change not only entailed a physical change, but also a significant rupture in the social, cultural and emotional ties that sustained the community's collective identity. The study was carried out through a qualitative and exploratory approach, using a bibliographic review based on authors such as Góis (2005), Ceará (2022) and Santos (2020), who discuss concepts such as belonging, collective memory and affective bonds with geographical space. The results showed that migration compromised consolidated community practices, affecting social cohesion and causing feelings of helplessness, especially among older residents. At the same time, the resilience of the inhabitants was observed, as they sought to preserve their traditions and cultural roots in the new city, even in the face of adversity. The contributions of this work highlight the need for public policies that consider the emotional and cultural aspects of populations impacted by large infrastructure works, promoting psychological and social support strategies that minimize the effects of forced displacement. Furthermore, the importance of preserving historical memory is reinforced as a way of strengthening the sense of belonging and

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS. tayanepsic@gmail.com

² Especialista em Políticas Públicas e Atenção Psicossocial pela Universidade Estácio de Sá - davissampaio@univs.edu.br

adaptation of communities in new territories.

Keywords: Jaguaribara. Castanhão reservoir. Belonging. Community. Identity.

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa plotar os desafios vivenciados pelas pessoas afetadas com a construção do Açude Castanhão na cidade de Velha Jaguaribara, Ceará. A construção do Açude Castanhão teve um impacto significativo na comunidade local, que conseqüentemente afetou diversas esferas da vida desses sujeitos, incluindo as relações sociais, afetivas, e econômicas da população, devido à migração forçada para o novo município, Nova Jaguaribara.

Em concordância com o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE, 2022) no ano de 2001 Jaguaribara teve seu destino traçado com a necessidade de realocação da antiga cidade para a nova em consequência da construção do maior açude do Brasil e da América Latina. O Açude Castanhão é designado para múltiplos usos, entre estes o abastecimento de Fortaleza, regiões metropolitanas e Complexo Portuário do Pecém, irrigação agrícola e pesca. Sua edificação foi marcada por dor e sofrimento para alguns dos habitantes da cidade que tiveram de abdicar do seu pedaço de chão para a demolição da cidade que posteriormente estaria submersa pelas águas do Castanhão. A essa comunidade que foi reassentada, ofertaram a construção de uma nova cidade a 55km da antiga sede, chamada de Nova Jaguaribara, até mesmo aos moradores que não eram proprietários foram ressarcidos com um novo lar. Nova Jaguaribara é reconhecida como a primeira cidade planejada do Estado do Ceará, esta contou com algumas réplicas da Velha Jaguaribara a solicitação do povo, sendo a Igreja Matriz Santa Rosa de Lima e a Igreja do Poço Comprido.

Como caracteriza Ceará (2022), as vivências inundadas pelas águas do Açude Castanhão impactaram de forma expressiva, o reassentamento promoveu alterações nos vínculos e interações sociais que eram preservados e frequentes na antiga sede, com uma cultura singular e exclusiva. A população que residia na Velha Jaguaribara carregava uma bagagem de costumes que foram extintas, o sentar na calçada todas as tardes, as trocas de conversas, o banho no Rio Jaguaribe, as lavadeiras às suas margens e noites na praça da Igreja Matriz foram vivências interrompidas.

As atribuições que foram construídas arruinaram-se juntamente com os escombros, causando uma ruptura no sentido de pertencimento, na afetividade e na identificação daquele

lugar, resultando na rejeição da nova cidade e medo do desconhecido. A resistência com a mudança partindo de uma visão que não é possível se adaptar ao novo lugar, enfatiza a afetividade com o território, como aponta Santos (2020). No entanto, houve também aqueles que experimentaram o sentimento de esperança que representou as novas perspectivas e reformulação de uma nova vida com novas oportunidades de crescimento pessoal e econômico que o novo município possivelmente ofertaria devido sua estrutura (CEARÁ, 2022).

Tendo em vista que a representação de um lugar para o sujeito favorece a composição de valores, culturas, dinâmicas sociais e as interrelações, torna-se imprescindível este estudo. Partindo desse pressuposto, a pesquisa visa contribuir na compreensão dos impactos psicossociais de grandes projetos de infraestrutura sobre as comunidades locais, abrindo caminho para pesquisas adicionais acerca da resiliência comunitária e adaptações psicológicas. Além disso, reafirmar o reconhecimento das experiências emocionais da população afetada. Pode também servir como uma ferramenta para promover a conscientização e entendimento sobre as questões sociais relacionadas às comunidades que sofreram com a migração forçada, contribuindo com uma discussão mais inclusiva e participativa.

Seguindo esse viés, essa pesquisa nasce dos efeitos dos impactos socioemocionais ocasionados pela população Jaguaribarense com a construção do Açude Castanhão.

Essa pesquisa também busca refletir no que concerne às raízes da autora. Embora sua naturalidade pertença à nova cidade, os primeiros anos de vida pertencem à Velha Jaguaribara, vivenciados naquele pedaço de chão até o dia em que a água chegou a sua porta. Parte da história desta e de outras famílias foram imersas pelas águas do Castanhão, no entanto contada até os dias atuais, transmitida de geração em geração. Ao reviver essas memórias, as raízes continuam fortemente ancoradas naquele lugar, como um mangue que resiste às violências da água dos rios. Nesse sentido, torna-se possível refletir sobre os impactos psicossociais vivenciados pelas populações deslocadas pela construção do Açude Castanhão, abordando as rupturas emocionais, culturais e identitárias decorrentes desse processo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 “O SERTÃO VAI VIRAR MAR”

“O sertão vai virar mar”, expressão carregada de significados, retrata esperança, transformação e ao mesmo tempo tragédia iminente. Evoca a cena vigorosa de mudança

radical na paisagem árida e desafiadora no sertão. Reflete a crença e expectativa de um futuro melhor, mas também simboliza a força do povo sertanejo em enfrentar as adversidades e moldar seu próprio destino, exteriorizada na capacidade do sujeito de encarar desafios, mas também na vulnerabilidade diante das forças naturais. Mas que, mesmo diante das condições mais ásperas, a resiliência e a determinação podem abrir caminhos para um horizonte mais promissor. A população de Jaguaribara representa esse povo de bravura, que ao perder o território onde foram construídas as identidades, laços, afetos e raízes, tiveram que se reinventar e moldar-se ao novo, para aquilo que estava reservado para essa comunidade.

Muito antes de ser Jaguaribara, houve marcos que somaram e contribuíram para a história dessa cidade. Ainda no período colonial, mais precisamente no ano de 1694, habitavam naquelas terras as tribos Jaguaribara e Tapuias Paiacus que foram vítimas de uma tentativa de expulsão pelos colonizadores, porém sem sucesso. No entanto, anos após os portugueses incluindo Domingos Paes Botão, voltaram preparados e equipados para expulsá-los e ocupar as terras que tanto almejavam, com o título de vitória no embate, ocupam o território e denominam de Fazenda Santa Rosa, onde inicialmente foi destinada para funções pecuárias, e logo mais tarde reconhecido como Vila, destacado por (BERTINI, 2014).

A partir dessa perspectiva, é possível reconhecer que desde o período colonial, Jaguaribara passou por expulsões e migrações forçadas, inicialmente por colonizadores e longos anos depois pelo Governo Estadual, com o projeto do Açude Castanhão.

Antes de vir a ser Jaguaribara, Vila Santa Rosa testemunhou a fervorosa época da Confederação do Equador, um movimento que almejava o Nordeste independente. O Instituto Histórico do Ceará marcou esse período histórico, reconhecendo Tristão Gonçalves de Alencar Araripe como presidente da Confederação do Equador no Ceará. Ele foi eleito Presidente Republicano da Província do Ceará em 25 de agosto de 1824 e tragicamente assassinado em 31 de outubro de 1824 nas terras da então Vila Santa Rosa, que posteriormente se tornaria Jaguaribara, destacado no documentário: A demolição da velha Jaguaribara (2017).

Seguindo esse viés, Bertini (2014) traz que Vila Santa Rosa passou alguns anos pertencendo ao município Frade, hoje titulada Jaguaretama, e somente em 9 de março de 1957 houve sua emancipação política, a qual já era reconhecida como Jaguaribara, em homenagem à tribo que inicialmente habitou naquela região e que significa “Moradores do Rio das Onças”.

É factível afirmar que Jaguaribara carrega consigo uma bagagem de histórias, marcos e batalhas, sua representação vislumbra em sua população a força de uma comunidade em que

desde o princípio brigavam pelo seu território. A exemplo disso, foi quando deram início a uma luta constante e incansável por anos contra o Governo, a partir da composição de grupos que tinham como objetivo barrar a construção do Açude Castanhão a favor da permanência na cidade.

Ceará (2022) relata como chegou a notícia principiante da construção do Açude Castanhão. A lamentável informação chegou à população 10 anos antes do início da obra, no ano de 1985, na época o prefeito era Francini Guedes, que recebeu a notícia que “o sertão iria virar mar”, Jaguaribara seria tomada pelas águas do Castanhão e a população jaguaribarense seria realocada para um novo município. A partir de então, ele solicitou que todos se reunissem na praça da cidade, que inclusive era a única, para comunicar a triste notícia, e após isso Jaguaribara já não foi a mesma. Desde então, iniciou-se a luta do Não ao Castanhão, com duração de 16 anos.

Levando em conta a aflição dos jaguaribarenses, desde a notícia da construção do Castanhão, muitos materializaram a lenda que por bastante tempo permanecia apenas no imaginário da população. A fala proferida por Frei Vidal amaldiçoou as terras jaguaribarenses, de que um dia aquele espaço seria tomado pelas águas e tornando-se a “cama de baleia”, descrito por (CEARÁ, 2022, p. 38):

“Ainda não encontraram nenhuma baleia no Açude Castanhão, mas os mais velhos diziam que Frei Vidal, missionário da igreja católica, havia sido assaltado nas terras de Jaguaribara. Depois do assalto, ele teria amaldiçoado o pedaço de terra que viraria “cama de baleia” quando o alimento mais barato se tornasse o mais caro. Sem nem saber que seria concretizado, há muito tempo, o fantasma da barragem Castanhão já estava ganhando vida por entre as ruas e dizeres da cidade em meio às risadas, como se fosse mais uma das histórias de Troncoso que os adultos contavam ao entardecer para os jovens.”

Acerca dos movimentos realizados pela população no movimento social “Não ao Castanhão”, é possível refletir que, quando os elos de afetos e pertencimento são ameaçados pela possibilidade de remoção, as pessoas que constituem esse espaço se unem em solidariedade e determinação, envolvendo-se ativamente na política local, visando defender seus direitos e interesses, exposto por Ceará (2022). A retirada forçada de uma comunidade do seu espaço é sobremodo desestabilizadora, essa luta não trata apenas de um espaço físico, mas o que ali está enraizado, as memórias, histórias e laços emocionais, trata-se também do reconhecimento, da dignidade e da justiça. Essa questão associa-se ao que Lewin (1951) *apud* Carvalho, Cavalcante e Nóbrega (2011) destacam, que a pessoa e o ambiente estão constantemente influenciando um ao outro, inclusive seus comportamentos, a exemplo disso, o movimento social “Não ao Castanhão”.

O município de Jaguaribara demonstrou uma resiliência admirável ao enfrentar essas

adversidades, encontraram maneiras formidáveis de resistir e se fortalecer. Eles contaram suas histórias e compartilharam suas culturas, a título de exemplo, a idealização da Casa da Memória, um museu comunitário que coleciona artigos doados pela população com o intuito de eternizar a antiga Jaguaribara em memória física com objetos que fizeram parte da história dos moradores (BERTINI, 2014).

A união e solidariedade de um povo carrega um poder coletivo de criar mudanças significativas e duradouras. O verdadeiro pertencimento não é dado, a perspectiva de Brené Brown (2021) esclarece que é algo que o sujeito carrega dentro do peito, sem exigir a alteração, mas sim a autenticidade de ser o que é. Pertencimento não significa dizer que é uma batalha por um lugar no mapa, mas o sentimento afetivo por um lugar, vinculado ao respeito e validação das experiências históricas vividas nesse ambiente.

Antes do “sertão virar mar”, ou seja, Jaguaribara ser engolida pelo Castanhão, a antiga cidade era pequena quanto à estrutura, porém ampla no quesito cultura, de momentos festivos, rica de uma comunidade unida, com costumes e relações afetivas. Algo comum em Jaguaribara era o sentar nas calçadas todas as tardes à espera do vento do Aracati, as calçadas eram constituídas por cadeiras onde por horas os vizinhos ficavam proseando sobre vários assuntos, notícias e acontecimentos. Essas práticas além de potencializar a socialização e fortalecimentos dos vínculos, tornam-se “essenciais para manter e assegurar o patrimônio imaterial da cidade.” (CEARÁ, 2022, p. 39).

Conforme descrito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a Constituição Federal de 1988 nos artigos 215 e 216 deu-se a extensão ao sentido de patrimônio cultural, ao analisar as formas existentes de patrimônio, seja ela material ou imaterial. Em conformidade com os artigos da Constituição, é imprescindível para uma comunidade manter sua essência e patrimônio imaterial, tendo em vista a importância para a preservação de culturas, tradições e histórias de um povo. Favorece o fortalecimento, permitindo que as gerações futuras além de conhecer, se conectem com suas raízes. O patrimônio imaterial favorece a diversidade cultural e o enriquecimento da sociedade como um todo.

Conforme exposto por Ceará (2022), a comunidade jaguaribarense tinha um apego significativo com a única praça que havia na antiga sede, esse espaço servia como ponto de encontro onde as pessoas se reuniam para socializar, celebrar eventos culturais, praticar atividades físicas ou até mesmo relaxar. Tudo era motivo de festa, todos os eventos do município aconteciam na praça Tristão Gonçalves, também serviu de palco para os protestos, movimentos e as peças teatrais voltadas para a não construção do Açude Castanhão.

Além desses, são vários os outros costumes típicos ligados à forte conexão da população com a antiga Jaguaribara e maior parte dessas vivências foram inundadas pelas águas do Açude Castanhão. A ligação profunda entre o povo jaguaribarense e a velha cidade foi um elo poderoso e multifacetado que foi muito além do compartilhamento de um território físico, essa conexão é enraizada na história, cultura, tradições e relacionamentos intergeracionais. Jaguaribara, por muitas vezes, foi centro de práticas de lazer não somente para sua população, mas também para as cidades vizinhas que se encantavam por aquele lugar, isso auxiliou nas interações e florescimento dos indivíduos e da comunidade em sua totalidade.

A chegada da água, em 2001, tomando conta da cidade, marcou o êxodo forçado, com moradores sendo obrigados a abandonarem seus lares e migrarem para a nova cidade que lhes aguardava. Essa migração não apenas desestruturou famílias, mas também rompeu laços comunitários e suprimiu práxis de vida consolidadas por várias gerações. A cristalização em decorrência desse episódio tornou perceptível a insegurança entre os migrantes, na lenta, mas constante erosão da identidade cultural e da coesão social que antes unia a comunidade afetada.

2.2 COMUNIDADE, IDENTIDADE E MEMÓRIA: LAÇOS AFETIVOS QUE DEFINEM UM POVO

Para Góis (2005), o conceito de comunidade pode ser definido a partir de uma junção de características, pode-se trazer como exemplo, a delimitação geográfica e territorial; laços históricos e culturais; convivência efetiva, duradoura e direta; necessidades e problemas comuns; identificação entre os sujeitos e destes com o lugar; sentimento de comunidade, dentre outros. É citado pelo autor que a comunidade é um local em que é mediada as relações familiares com as relações sociais, determinando-se como componente de uma cultura e identidade social específica. As relações nesses espaços são diretas.

No passado, os seres humanos se desenvolveram principalmente em comunidades tradicionais. Atualmente, a forma como as pessoas vivem em comunidade é influenciada pela complexidade da vida social e das estruturas sociais modernas. No entanto, isso não diminui a importância e a influência que as comunidades ainda têm sobre os indivíduos, ajudando-os a se tornarem membros ativos da sociedade na qual vivem, apontado por (GÓIS, 2005).

Góis (2005) diz que, normalmente, vivemos dentro de um grupo e de ambientes sociais pequenos, que são essenciais para a nossa formação e desenvolvimento como parte da sociedade. Por isso, ainda hoje, a comunidade e a vida em comunidade continuam sendo

imprescindíveis. Isso traz como destaque o quão é relevante a inserção do indivíduo nesses espaços sociais, levando em consideração a constituição deste, dado que a interação influencia na composição de identidades e valores individuais.

A palavra “comunidade” ao longo dos anos foi e ainda é interpretada em diversas perspectivas por vários autores, cada olhar que se ergue sobre esse conceito enriquece a compreensão e conjunto de características, em que revela a profundidade e a beleza da vida coletiva. Assente nisso, é baseado por (GÓIS, 2005, p. 69):

“Na realidade do século XX, a comunidade passou a ser considerada possuidora das seguintes características: espaço comum compartilhado, identificação social e relações e laços comuns (HILLERY, 1950). A estas são acrescentadas outras: interação psicossocial (BERNARD, 1973), desempenho de funções sociais (WARREN, 1965), componentes psicológicos e relacionais (Sarason, 1974), evolução histórica (GREER, 1955) e temporalidade, sentido de opressão e liderança (PANZETTA, 1971).”

Segundo Góis (2005), cada morador de uma comunidade se percebe como parte integrante de uma história e interação significativa ao viver em seu espaço físico social. Esse espaço, que pode ser um sítio, uma vila rural ou um bairro, é visto como um lugar que ajudou a construir e onde reside, englobando a casa, ruas, praças, igrejas, jardins, árvores, e até mesmo os outros moradores. Essa visão do autor, enfatiza a profunda conexão entre o sujeito e espaço físico social em que habitam, em que o indivíduo não somente reside em um local, mas que soma para a construção e representação desse território.

Essa perspectiva insinua que a identidade e a vivência de vida dos indivíduos estão profundamente conectadas ao espaço que habitam e às relações estabelecidas dentro dele. Os elementos físicos do lugar descrito por Góis (2005), representam marcas e testemunhas de histórias coletivas. Ao identificar esse elo, é perceptível que a comunidade significa mais do que agrupamento de pessoas, é um organismo vivo, em constante construção e evolução, onde cada elemento, humano ou material, possui um papel importante na teia da vida coletiva.

De acordo com Santos (2020), o ser humano fortalece seus laços com o ambiente ao absorver as expressões que encontra nele, ao mesmo tempo em que contribui com suas próprias manifestações. Essa dualidade de ser tanto influenciado quanto influenciador no ambiente em que está inserido é fundamental para a constituição de sua cultura. Nesse sentido, essa troca contínua traz uma noção dialética, onde a identidade e a cultura se formam e evoluem a partir do confronto e da síntese entre as forças opostas de receber e exercer influência. A interação constante entre o homem e o ambiente é essencial para o desenvolvimento humano e a formação da identidade.

A formação de identidade gera um senso de pertencimento na área em que o sujeito

desenvolve conexões emocionais, baseado nisso, é apontado por Elali e Medeiros (2011) que a habitação é responsável por estabelecer vínculos emocionais significativos entre a pessoa e o ambiente.

No que concerne às várias representações de identidade, torna-se precípua mencionar sobre a identidade social urbana, que traz como ideia expressa as manifestações de quando conhecemos alguém, tendemos a categorizá-lo baseado em perguntas que descreva de onde é esse sujeito ou de onde habita, visando procurar elementos comuns ou distintos que facilitem a interação, assim como traz (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

Esclarecido por Nora (2012), a curiosidade pelos lugares onde a memória se conserva está associada ao nosso momento histórico. Este é um período de ruptura com o passado, onde a memória fragmentada ainda desperta questões sobre sua preservação. A sensação de continuidade se torna residual nesses locais, no entanto, se existem locais de memória é porque os meios de memória desapareceram.

Nora (2012) enuncia que memória e história não são sinônimos e se opõem em muitos aspectos, a memória pode ser caracterizada como a vida em si, sustentada por grupos vivos, em constante evolução, aberta às mudanças entre a lembrança e o esquecimento. É apontado a diferenciação a partir do olhar da autora acerca dessas duas expressões supracitadas:

A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 2012, p. 9).

Fundamentado nisso, Nora (2012) destaca que a memória está ligada a experiências sensoriais e específicas, moldadas por indivíduos ou grupos. Ela é subjetiva e persuadível por emoções e interpretações pessoais. Em contraste, a história traz uma narrativa mais objetiva, tentando compreender e explicar as continuidades e evoluções ao longo do tempo, que se esforça por uma visão abrangente, enquanto a memória é íntima e frequentemente fragmentada, refletindo a complexidade da experiência humana. Essa distinção revela como as identidades e culturas são ajustadas tanto pela lembrança individual quanto pela percepção coletiva do passado.

Diante dos impactos sociais causados em determinados territórios, sejam eles quais forem, existem laços afetivos que definem um povo. Esses laços afetivos são intrinsecamente vinculados à forma como uma comunidade interage, socializa, comunica-se, transmite suas culturas e sente-se pertencente a ela, o que colabora significativamente no desenvolvimento dos indivíduos. Porém, os impactos em decorrência de ações forçadas ou involuntárias,

podem comprometer as formas como o sujeito se reconhece no âmbito.

2.3 IMPACTOS SOCIAIS: SOCIALIZAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Góis (1994) pontua que, o sujeito é intrinsecamente social, precisando dos outros para sobreviver e se desenvolver. Isso vai de acordo com a ideia de que o sujeito não vive isoladamente, afirmando a ideia de que o ser humano é substancialmente social. França (2013, p. 541) sustenta que, “a socialização ocorre durante toda a vida e pode já estar pré definida desde o nascimento, assimilando com a ideia de que as sociedades têm perspectivas e ideais sobre o comportamento do indivíduo”. Ou seja, compreende-se que o ambiente social e suas interações obtêm papéis significativos no desenvolvimento do sujeito e que a vida em grupo é fundamental para a formação da individualidade.

Em consonância com Musgrave (1972) *apud* França (2013), há agentes de socialização que colaboram para o alcance de objetivos de transmissão dos valores, crenças, expectativas e costumes culturais, portanto, com ênfase nos espaços urbanos, são destacados quatro principais agentes, sendo estes: família, escola, grupo de pares e meios de comunicação em massa.

É possível associar a ligação entre socialidade com comunicação, visto que os agentes de socialização mencionados também podem ser considerados agentes comunicativos, entendendo que, não transmitem somente valores, crenças, expectativas e costumes culturais, mas que além disso, atuam como responsáveis pela forma como esses elementos são comunicados e interpretados. Em conformidade com Miranda e Hedler (2011), a comunicação instiga os comportamentos dos sujeitos, entendendo que age como um veículo para a condução da cultura dentro de um grupo social, através das interações e formas de comunicação. Realçando que o comportamento dos indivíduos é moldado pela maneira como eles se comunicam e compartilham as normas e valores culturais.

Miranda e Hedler (2011) destacam que, as formas como os componentes de um grupo podem pensar são variáveis, no entanto, é fundamental que haja efetividade na comunicação entre os sujeitos, levando em consideração que o êxito de um grupo está associado a alguns fatores, a exemplo disso, polidez e o manejo em situações difíceis. Em essência, a comunicação eficaz contribui para a inserção das demais compreensões e olhares dos membros, colaborando para o exercício equilibrado e proveitoso.

A comunicação destaca-se de forma crucial no que se refere à criação e transmissão da cultura. Conforme elucidado por Miranda e Hedler (2011), a comunicação desempenha um papel fundamental na cultura, uma vez que a partir dela as práticas culturais são semeadas e

visibilizadas. Com isso, torna-se compreensível que a comunicação quanto transmissora de informação também exerça um processo ativo que molda e transforma a cultura, a exemplo, a partilha de histórias, mitos e ensinamentos.

Baseado nas amplas contribuições de teóricos quanto à expressão cultural, Miranda e Hedler (2011) argumentam que, a cultura vincula-se diante um grupo de indivíduos e dentro deste grupo há fatores ambientais. No entanto, os indivíduos que o constituem alcançam praxes ao atuarem frente aos mecanismos de controle, para manejar um comportamento socialmente aceito dentro do grupo.

Santos (2020, p. 281-282) argumenta que, “a capacidade do homem de ser um sujeito passivo e ativo em relação ao meio ao qual vive possibilita a construção de sua cultura”. Em entendimento disto, as ações ativas ou passivas do ser humano favorecem a construção de sua própria cultura, tendo em vista que é um processo dinâmico e participativo.

Vinculando as abordagens expostas junto a (de)formação da cultura frente a grandes mudanças trágicas ou migrações forçadas, Andrade (2018) sustenta que comunidades realocadas decorrentes de negócios minerários, por exemplo, pode propiciar como consequências um rompimento nas vinculações comunitárias, de memória, contribuindo aos indivíduos a deslembração das expressões culturais. Ou seja, não se desloca somente de forma física, mas também a cultura e socialização que une a comunidade.

As perdas decorrentes de desastres e emergências são inúmeras, podendo ser individuais e coletivas, apontado por Garcia e Faria (2020). Além dos danos físicos e materiais as perdas coletivas também são consideradas, como patrimônios culturais, desintegração social, impactos econômicos, dentre outros.

Na visão de Alves (2014) *apud* Garcia e Faria (2020), às perdas obtidas em desastres não se limitam apenas a óbitos, os demasiados tipos de perdas que também são levadas em conta são: identidade, confiança, dignidade e mutilações físicas. Quando o autor pontua sobre dignidade, reflete-se que a partir do momento em que o indivíduo reconhece a posição de vulnerabilidade que involuntariamente ou em outras situações voluntariamente foi imposta, às condições de dependência seja de recursos básicos ou aquisitivos, propicia nesse indivíduo a perda de dignidade, exemplar a isso, as vítimas acometidas nas enchentes do Rio Grande do Sul, no ano atual de 2024.

Leva-se em conta que, a cultura de uma comunidade torna-se vulnerável em decorrência de tragédias que forçam uma população a ser forçadamente realocada, devido ao afeto, a identidade e ao sentimento de pertença serem parcialmente ou completamente destruídos, assim como o espaço territorial foi inviabilizado. No entanto, reflete-se que as

comunidades afetadas sejam elas por construções ou desastres, são prejudicadas de forma física e social, ambas consideradas significativas, Alves (2014) *apud* Garcia e Faria (2020). Por consequência, os danos físicos logo tornam-se visíveis, porém os aspectos sociais que englobam o pertencimento, afeto, identidade, cultura de um povo, interações econômicas, tornam notórias a longo prazo. Nesse viés, todos os fatores expostos contribuem para a quebra da socialização dos indivíduos com a comunidade em que estão inseridos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se como uma revisão bibliográfica de natureza exploratória. Segundo Gil (1989), a pesquisa exploratória é essencial para desenvolver, esclarecer e ajustar conceitos, pois contribui para a formulação de problemas e hipóteses de forma mais precisa, possibilitando que estudos futuros se aprofundem em questões inicialmente abertas. Essa visão destaca a relevância desse tipo de pesquisa para as áreas que exigem uma compreensão inicial ampla e flexível. No presente trabalho, a abordagem exploratória se mostra especialmente adequada, pois permite construir um embasamento teórico robusto para analisar os impactos emocionais vivenciados pela comunidade na transição da Velha para a Nova Jaguaribara, identificando aspectos com relação à subjetividade desse objeto de estudo, que ainda demandam maior investigação.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que permite uma análise flexível e interpretativa da problemática, explorando o tema sob diferentes perspectivas, conforme destacado por Gil (2021). Essa abordagem é especialmente útil em pesquisas exploratórias, pois facilita a identificação e o esclarecimento de conceitos ainda pouco desenvolvidos. Gil (2021) ainda pontua que, o tipo de investigação oferece uma compreensão mais ampla, permitindo captar nuances e percepções que enriquecem a análise e contribuem para uma visão mais completa do fenômeno estudado.

A revisão bibliográfica abrangeu a seleção de documentários, livros eletrônicos e publicações acadêmicas e institucionais, disponíveis em bases de dados de repositórios acadêmicos e revistas científicas. Contudo, dá ênfase a Góis (2005) e Ceará (2022), que são alguns dos demais autores que foram usados estrategicamente para proporcionar embasamento teórico e enriquecer a discussão do tema. Quanto aos descritores, foi aplicado em arranjo por meio da aplicação operador *booleano* “and” buscando: “identidade e pertencimento”, “psicologia comunitária”, “apego ao lugar”, “cultura”, “comunicação”.

Foram definidos critérios de inclusão que contemplam materiais em português, disponíveis gratuitamente nas plataformas *Eletronic Library Online* (SCIELO), Portal Google

Acadêmico, publicados periodicamente de 2019 a 2024, teses de doutorado publicadas de 2014 a 2024 e documentário: *A Demolição da Velha Jaguaribara* (2017) acessível no *Youtube*. Os critérios de exclusão adotados para a pesquisa envolveram a não inclusão de autores cujas obras não dialogam diretamente com o tema em questão, bem como aqueles cuja abordagem apresenta uma relatividade que dificulta a conexão com os objetivos propostos.

Contudo, para a análise dos dados, considerou-se a interpretação crítica reflexiva das informações extraídas dos materiais selecionados. Os dados foram organizados de acordo com categorias temáticas previamente identificadas, relacionadas aos objetivos do estudo. Durante a análise, buscou-se compreender os principais conceitos e padrões apresentados nos artigos e padrões apresentados nos artigos, teses e livros, além de identificar possíveis lacunas e convergências entre os autores. Esse processo permitiu não apenas explorar as contribuições teóricas das fontes, mas também discutir os aspectos relevantes de forma integrada, atendendo ao caráter exploratório da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O PESO DE NÃO PERTENCER: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

A chegada da notícia da construção do Açude Castanhão e conseqüentemente a mudança da velha para a nova cidade, teve um impacto profundo e multifacetado sobre a comunidade local. A transição forçada trouxe consigo uma série de incertezas e ansiedades que afetaram de maneira significativa a população, particularmente os idosos. A vida em Jaguaribara estava profundamente enraizada em atividades tradicionais como a pesca, a lavagem de roupas no rio e a agricultura, práticas que garantiam a renda familiar. A mudança para a nova cidade, onde essas atividades não estavam garantidas, gerou um sentimento de perda e desconexão, a exemplo disso (BERTINI, 2014, p. 106) aponta:

“Os mais velhos não acreditavam. Falavam: *“Ah isso é conversa! Onde já se viu fazer uma cidade completa?”* Mesmo que, em suas conversas, houvesse a constatação de que Brasília tinha sido totalmente construída. Muitos idosos foram entrando em depressão e morrendo nesse período”.

A desconfiança combinada com a ruptura de suas rotinas e a incerteza quanto ao futuro, levou muitos a desenvolverem depressão e sensação de impotência e desamparo. As perguntas giravam em torno de “como seria a nova casa? Onde irei plantar? O que irei fazer lá?” (Bertini, 2014, p. 106). Esse relato exemplifica um impacto social devastador da mudança: a perda de uma forma de vida estabelecida e a desintegração das estruturas de suporte comunitário. Nova Jaguaribara pode ter oferecido infraestrutura moderna, mas a

transição ignorou as necessidades emocionais e culturais dos moradores, especialmente os mais vulneráveis.

De acordo com Rosa (2023), a necessidade de pertencimento é essencial para os seres humanos, logo que, integrar-se em um grupo, seja ele uma nação, grupos esportivos ou família, contribui significativamente para o senso de relevância e identidade social. Estar inserido em contextos maiores gera um sentimento de importância e conexão com algo superior a si mesmo. A autora aponta que, quando essa sensação de pertencimento não é vivida, os efeitos negativos podem impactar tanto a saúde física quanto a mental, comprometendo o bem-estar geral.

Desse ponto de vista, entende-se que, o ser humano é um ser social por natureza, o ato de pertencer não apenas os coloca em contato com outras pessoas, mas também conecta a algo maior, o que fortalece o senso de identidade. Rosa (2023) esclarece que, pertencimento está referido à sensação de fazer parte de uma comunidade ou grupo, estando intimamente relacionado ao reconhecimento da dignidade, cultura e diferenças individuais de um cidadão.

“Tem a casa, mas não tem a sobrevivência”, surgiu com frequência nas falas dos moradores, citado por Braz (2005), em que alegavam não ter condições aquisitivas para manter-se na nova cidade, embora tenham sido contemplados com uma casa própria, ainda havia muitos custos para a sobrevivência. Essa expressão reflete uma situação de vulnerabilidade econômica e social, que vai além da simples posse de um imóvel.

Ainda constatado por Rosa (2023), o senso de pertencimento é uma peça chave para a saúde mental, desempenhando um papel fundamental na prevenção de transtornos mentais, como depressão, ansiedade, pensamentos suicidas e sensação de solidão. Quando há uma quebra ou redução desses suportes sociais, pode elevar-se a incidência desses transtornos. Ou seja, a ausência desse pertencimento coloca o sujeito em um estado de vulnerabilidade, podendo afetar autoestima, sentimentos de isolamento e desconexão.

Giuliani (2000) *apud* Elali (2011) argumentam que, o apego ao lugar é um processo gradual, que requer tempo e é influenciado por fatores como a avaliação constante da qualidade ambiental em relação às necessidades individuais, o significado do local para a identidade da pessoa, o tempo de residência e o grau de familiaridade com o ambiente. Esses processos são interdependentes e interagem para transformar espaços indiferenciados em lugares com valor simbólico, o que sugere que, dependendo de suas possibilidades de mobilidade, as pessoas podem desenvolver múltiplas e variadas relações de apego com os lugares com os quais têm contato.

A partir da análise exposta pelos autores sobre o apego ao lugar, mostra-se que é algo

construído a partir de um conjunto de interações subjetivas e práticas com o ambiente, não sendo um sentimento fixo ou isolado. Essa perspectiva reflete sobre como as experiências e o contexto de vida influenciam a relação com os espaços e reforça a importância do tempo e da familiaridade no desenvolvimento de um senso de pertencimento e identidade relacionados ao lugar.

A conquista da casa própria não garantiu aos moradores as condições necessárias para uma vida digna e sustentável, a sobrevivência requer um conjunto de fatores adicionais como por exemplo, acesso ao emprego. Quando esses elementos não são suficientes ou estão ausentes, a casa, embora própria, não proporciona a segurança esperada, já que as dinâmicas de poder dentro de uma sociedade determinam quem pode participar e influenciar a produção discursiva, revelando como o pertencimento é condicionado pelas estruturas sociais e culturais, segundo (MATHIAS, 2023).

Ceará (2022) menciona que, dois anos antes da mudança, o cemitério foi desativado, e consequentemente as pessoas que faleceram nesse período eram enterradas no cemitério da nova cidade, causando certo incômodo na população visto que os mortos da Velha Jaguaribara foram os primeiros habitantes da Nova Jaguaribara. Essa narrativa expressa um impacto significativo na comunidade de Jaguaribara, em que a desativação do cemitério gerou desconforto e resistência entre a população, com ênfase nos idosos, já que o cemitério original podia passar o sentimento de conexão com o passado e os ancestrais. “Era comum ver as pessoas pedindo para não morrer naquele intervalo - sobretudo os idosos -, ou revelando que não queriam ser enterrados na nova cidade” (CEARÁ, 2022, p. 44).

O desconforto psicológico causado pela não aceitação do novo cemitério, principalmente para os idosos, pode ser decorrente de vários fatores interligados. A relutância na aceitação reflete-se em um sentimento mais amplo de desaprovação ou descontentamento com a Nova Jaguaribara, como efeito, afetando negativamente a identidade comunitária. Já para as famílias, a percepção de que seus entes queridos estão em um lugar não desejado pode causar sofrimento adicional.

Além dos impactos supracitados, é possível trazer sobre o apego da comunidade ao rio, que ficava a poucos metros da cidade, tornando-se um espaço de trabalho tanto para as lavadeiras quanto para os pescadores, e além disso, para a socialização da comunidade, já que esse ambiente também proporcionava o lazer para as crianças que iam acompanhadas das mães para auxiliar na lavagem de roupas e brincar no rio. Já na nova cidade, o rio tornou-se ainda mais longe, o que antes seriam metros passou a ser quilômetros, dificultando a locomoção e consequentemente o trabalho das lavadeiras, que a partir dessas atividades

tiravam o sustento (BERTINI, 2014).

Com 4km de percurso, o rio tornou-se distante para as lavadeiras que necessitavam de transporte para realocar-se, ou uma extensa caminhada a pé, por isso, a longa distância interferiu na dinâmica social no novo espaço, o que antes eram lavadas as margens do rio, passou a ser lavado na pia de casa com água encanada, e em consequência disso, maior custo de água, como apontado por (BRAZ, 2005).

Nesse viés, percebe-se as mudanças significativas nas dinâmicas sociais e econômicas de uma comunidade devido às consequências de uma migração forçada, nesse caso, ao distanciamento do rio. De diferentes perspectivas, podem ser analisadas a desintegração da rede de sociabilidade, visto que o rio era um ponto central de encontro e interação social. As conversas, brincadeiras e ajudas mútuas eram uma parte vital da vida comunitária. A lavagem de roupas em casa, em pias com água encanada, eliminou esse espaço de convivência, levando em consideração que “a relação da pessoa com um espaço é o que permite sua transformação em *lugar*” apontado por (CAVALCANTE; NÓBREGA, 2011).

“Além do custo com a conta de água, as mulheres reclamam da perda de sociabilidade compartilhada de outras lavadeiras no rio” (Braz, 2005, p. 85). O processo de socialização foi reduzido com a quebra da rotina de idas ao rio, já que a interação diária propiciava essas práticas. Em concordância com França (2013), ao se socializar, as pessoas aprendem os significados culturais e sociais atribuídos às coisas pelo grupo que pertencem, ou seja, elas não apenas aprendem a agir, mas também a perceber e interpretar o mundo de acordo com os valores e crenças do seu grupo cultural. As crianças também perderam a oportunidade de socialização, afetando o desenvolvimento social, uma vez que costumavam brincar nas águas do rio Jaguaribe.

Levando em consideração as representações desse espaço para essas mulheres e pescadores, é possível associar o apego ao rio como uma identidade social, que embasada por Tajfel (1971) *apud* Neiva e Torres (2013), se manifesta na pertença a um grupo específico - as lavadeiras -, que compartilhavam uma relação emocional e afetiva com o ambiente (o rio) e entre si. Dessa forma, o rio era um espaço simbólico que contribuía para a construção de suas identidades sociais. As interações constantes e a partilha de vivências fortalecem o sentimento de pertença ao grupo, o que, segundo Tajfel (1971), aumenta o valor que elas atribuem à sua própria identidade, diferenciando-se de outros grupos sociais.

Ainda sobre o rio Jaguaribe, a quem os moradores tinham muita afeição, era comum que as pessoas já acordassem pensando no rio. Embora não tivessem nada, mas se tivessem uma tarrafa era possível pescar muitos peixes e então separar o que seria para o consumo e o

que seria para comercialização, realizada de porta a porta, e com a renda arrecadada era possível comprar o restante dos insumos que garantiria o almoço, e ali tornava-se uma forma de sobrevivência, Bertini (2014). Portanto, na nova cidade houve uma grande mudança para aqueles que viviam da pesca, em que adotaram o uso de gaiolas para a criação de peixes nas águas do Açude Castanhão, exigindo grande investimento por parte dos piscicultores.

4.2 NAS RIMAS DO CORDEL, O GRITO DA CIDADE QUE SE MUDA

Em sua análise, Ferreira (2019) *apud* Sousa (2021) diz que, a representação social se configura como uma crença coletiva de um grupo ou povo, que alicerça em suas tradições e se constroi a partir dos sentidos, da imaginação e da memória, constituindo uma reprodução simbólica do pensamento. Com isso, entende-se que, essa representação ultrapassa a simples transmissão de informações, ela abrange elementos da cultura, do imaginário e da memória coletiva, por isso, pode-se transformar com o tempo, acompanhando as mudanças da sociedade.

Jodelet (2005) *apud* Sousa (2021) descreve a representação social como um tipo de conhecimento que é criado e partilhado entre grupos específicos, desempenhando uma função prática na formação da realidade social. Essa teoria se manifesta no cotidiano das pessoas por meio de saberes práticos e se reflete na identidade, nas tradições, nas práticas culturais e nos costumes de cada grupo.

A autora Bertini (2014) expõe os versos poéticos escritos pelo autor Francisco Isaac da Silva, morador de Jaguaribara, que tem como título “Jaguaribara: flor criança”, a indignação e a dor da perda do seu território para as águas do Castanhão. “Não deixem essa flor murchar / Não aceitem a inundação. / Vos peço, oh filhos meus / Juntem-se a mim. / Resistam até o fim. / À barragem do Castanhão. / Dá uma dor no coração, / uma vontade de chorar. / Já imaginou um dia? / Ninguém pode acreditar. / Você vai ver Jaguaribara / do sertão virar mar.”

A partir das perspectivas acerca da teoria das representações sociais, em que surge como um conhecimento coletivo, imbuído de tradições, imaginação e memória, dialogam-se profundamente com o poema “Jaguaribara: flor criança”, em que expressa o medo e o desejo de preservação da identidade cultural e dos símbolos de uma comunidade. Entende-se que a “flor” é uma metáfora poderosa para essa representação social, algo frágil e vital que deve ser defendido para evitar que seja “inundado” ou apagado, assim como as crenças e tradições de um grupo, Jodelet (2005) *apud* Sousa (2021).

A referência à “dor no coração” e à visão de “ver Jaguaribara do sertão virar mar” exprime a tristeza e o desespero da perda de um modo de vida. Em contexto do que é

argumentado por Jodelet (2005) *apud* Sousa (2021), essas emoções refletem a resistência contra a destruição de uma memória coletiva que dá sentido à identidade e coesão social. Essa visão de “resistir até o fim” à mudança imposta pela construção da barragem simboliza o desejo de manter a história e a cultura de um grupo vivo, e o ato de preservar a memória, evitando que se desfaça sob as pressões do progresso.

Ceará (2022) aborda que, um dos moradores permaneceu nas terras da antiga cidade, visto que o local em que habitava era um ponto alto e a água não o atingia. Segundo a autora, esse morador afirmava que, “lá, é uma cidade que não tem município e, aqui, é um município que não tem cidade. Ô como eu sinto saudade daquela cidade. Do que é ruim, a gente não sente saudade não, sente é alívio” (p.27). Essa fala expressa a saudade da velha Jaguaribara, misturada com o lamento pela perda de um modo de vida que, para ele, era valioso. Ao citar que “do que é ruim, a gente não sente saudade não, sente é alívio”, distingue o peso da memória de uma cidade viva, onde construíram relações e histórias, do alívio pela ausência dos aspectos negativos.

A permanência na velha cidade reflete o quanto o morador desafia a lógica prática de se mudar para um local mais “seguro”, revelando uma resistência ao apagamento cultural e à desconexão com suas raízes. Essa resistência também evidencia a dor e a perda que ele sente ao ver Jaguaribara transformada em um espaço “sem município” e vazia de vida comunitária (GÓIS, 2005).

A matéria intitulada “Tristeza e lágrimas na saída dos moradores”, conforme relatado pelo jornal O POVO (s.a.), oferece um olhar pungente sobre o impacto emocional da realocação para a Nova Jaguaribara, ilustrado pelo episódio de Cícero, um carpinteiro de 40 anos que, ao ver o instante da partida chegar, sentiu-se profundamente abalado. No relato, há uma tentativa de chorar no rio Jaguaribe, como se suas lágrimas pudessem simbolizar uma despedida ritualística, mostra o peso que o deslocamento teve para os moradores. Esse ato falhado de chorar - impossibilitado pelo “nó na garganta” revela uma angústia profunda, como se as emoções reprimidas pelo desalento fossem, de certo modo, imobilizadas pela dor de deixar para trás uma vida, uma história, um lar.

A cena de Cícero, sendo conduzido a Nova Jaguaribara em estado de saúde fragilizado, simboliza mais do que uma mudança física, expressa a ruptura com um espaço de identidade, onde o rio, casas e os laços comunitários formavam uma representação social que os ligavam ao passado e aos antepassados. Não conseguir chorar denota um luto interrompido e uma tentativa frustrada de aliviar o pesar, ao mesmo tempo que se evidencia como a transformação imposta não se trata apenas de uma mudança territorial, mas de separação

violenta entre memória e espaço. As lágrimas que não puderam correr com a correnteza do rio Jaguaribe são, na verdade, um sinal de que a verdadeira despedida talvez nunca ocorra plenamente, que o laço entre eles e o Rio Jaguaribe mesmo interrompido fisicamente, permanece, ainda que dolorosamente, enraizado na memória e no coração dos que ficaram.

No documentário: *A Demolição da Velha Jaguaribara* (2017), o morador Francisco Moreira expressa, com resignação e pesar, o sentimento de perda ao ser obrigado a deixar sua terra natal. Ele menciona: “não, é o jeito ir, tem que ir. Mesmo que diga assim ‘cê não vai pra lá, vai se quiser’ eu não ia, ia procurar outro canto, mas meu dinheiro não dá para comprar outro terreno”. Nessa fala, transparece uma profunda conexão com o lugar que o sustenta emocionalmente e simboliza sua identidade, ressaltada pelo afeto que declara sentir: “eu adoro essa terra”. A angústia de Francisco é intensificada pela incerteza em relação ao futuro na nova localidade, onde prevê dificuldades econômicas e sociais para os moradores mais vulneráveis, destacando a precariedade de quem não possui uma fonte de renda fixa.

Ao dizer que “aqui era muito rico”, Francisco aponta a contradição entre a prosperidade do passado e a incerteza do futuro, explicitando que o lugar do qual se despede era mais do que solo: era segurança, sustento e uma base para sua dignidade. Em suas palavras, fica evidente uma esperança dolorosa de que “daqui uns anos pode melhorar”, mesmo sabendo que o início será difícil. Sua fala carrega uma resignação forçada, a de alguém que, mesmo acreditando em uma possível adaptação, tem a consciência de que jamais poderá restituir o verdadeiro valor de sua antiga vida em Jaguaribara.

Outra moradora, Taciana Gomes, pontuou o sentimento de perda de maneira intensa e direta ao dizer: “dói, dói saber que a gente nasceu e se criou aqui e vai cobrir. E se quiser ver que vá no mergulho.” Em sua fala, a dor pela destruição da antiga Jaguaribara surge como uma ferida profunda. A imagem de “cobrir” o lugar onde cresceu com as águas traduz o ato de apagar, de sufocar uma parte fundamental de sua história, e deixa claro o quanto a mudança vai além do físico, é um apagamento de memórias, de tradições, reafirmando a fala de Elali e Medeiros (2011) sobre vínculos emocionais entre o sujeito e seu espaço de habitação.

Taciana mostra também uma aceitação dolorosa, uma consciência de que, uma vez submerso, o território que a formou estará perdido para sempre. Sua frase “se quiser ver que vá no mergulho” soa como uma ironia melancólica, uma forma de expressar que o retorno às origens só será possível ao custo de submergir, de entrar nas profundezas de um passado irretornável. Esse “mergulho” é simbólico: é a imersão nas próprias raízes que, embora agora inacessíveis, ainda habitam o coração e a memória daqueles que foram obrigados a partir.

Adeci Barreto da Silva, em sua fala no documentário: *A Demolição da Velha*

Jaguaribara (2017), oferece uma perspectiva esperançosa e resiliente diante da inevitável mudança. Ela pontua: “a gente não deve dizer assim ‘Jaguaribara Nova vai levar nossas raízes’. Não! Nós vamos mudar, mas com a raiz. Quando a gente tira uma planta, podemos tirar ela com a raiz e levar”. Suas palavras sugerem que, apesar da transposição física, a essência de Jaguaribara, a cultura, a história e as tradições podem ser mantidas vivas, carregada simbolicamente para a nova localidade. Esse ato de “levar a raiz” revela um esforço em preservar a continuidade do que é significativo para a comunidade, adaptando-se sem perder o que lhes dá identidade.

A metáfora da planta que se transporta com a raiz representa a intenção de transformar a perda em uma continuidade, reafirmando que a conexão com a terra de origem não será facilmente rompida. Adecí, ao comparar o deslocamento de Jaguaribara a um transplante, traz à tona a imagem de alguém que reconhece o valor do que é mantido internamente, suas memórias e suas práticas culturais e que se esforça para que elas floresçam mesmo em um novo solo. Essa visão, que associa o recomeço à preservação, oferece um contraponto à resignação de outros moradores, sugerindo que Jaguaribara pode renascer em outro lugar desde que sua "raiz" seja respeitada.

Com base em Moscovici (1976) *apud* Almeida e Santos (2011), as representações sociais podem ser interpretadas a partir de três dimensões centrais, sendo a comunicação, (re)construção e domínio de mundo. Os autores afirmam que, elas funcionam como ferramentas que auxiliam os sujeitos a trocar informações, organizar e interpretar a realidade, além de direcionar ações no cotidiano. Por meio da comunicação, é possível criar códigos compartilhados que estruturam as interações sociais. A (re)construção do real ocorre quando os indivíduos, ao interagirem com o mundo, ressignificam sua percepção da realidade. Já o domínio do mundo reflete o caráter prático dessas representações, que permitem aos sujeitos compreender seu entorno e agir sobre ele.

Essa teoria dialoga diretamente com as narrativas de Jaguaribara, no momento em que os moradores ao expressarem suas dores, saudades e resistência, ressignificam a realidade diante da perda do seu território. As representações sociais apontadas por Moscovici (1976) *apud* Almeida e Santos (2011)) não apenas organizam os pensamentos e práticas culturais, mas também funcionam como instrumentos de resistência e preservação, permitindo que os indivíduos reconstruam sentidos e reafirmem sua identidade mesmo em meio às transformações impostas pelo deslocamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender os impactos socioemocionais enfrentados pela população de Velha Jaguaribara em decorrência da migração forçada para Nova Jaguaribara, causada pela construção do Açude Castanhão. Os resultados mostraram que a mudança foi mais do que uma realocação física, representando uma ruptura profunda nos laços culturais, identitários e sociais da comunidade. Além da desestruturação das práticas cotidianas e relações sociais, houve uma interrupção das memórias afetivas ligadas ao espaço físico, impactando o sentimento de pertencimento e segurança dos moradores. Esse deslocamento transformou não só a paisagem geográfica, mas também a identidade coletiva, deixando marcas emocionais duradouras.

Os relatos, especialmente dos moradores mais idosos, evidenciaram resistência, saudade e desconforto emocional, reforçando o papel simbólico e cultural de Velha Jaguaribara como parte essencial da vida comunitária. Apesar disso, alguns habitantes manifestaram esperança em reconstruir suas histórias em Nova Jaguaribara, levando consigo suas raízes culturais. Contudo, a nova cidade, mesmo com melhor infraestrutura, não conseguiu atender plenamente às necessidades emocionais e culturais da população, destacando a importância de considerar as dinâmicas socioculturais em projetos de grande impacto.

Este trabalho contribui para o debate sobre deslocamentos forçados, ressaltando a relevância de preservar a memória coletiva e a identidade cultural em contextos de transformação. Além disso, reforça a necessidade de políticas públicas que integrem apoio psicológico e valorização das tradições, promovendo resiliência e coesão social. Estudos futuros podem explorar a eficácia dessas políticas e estratégias de preservação histórica, equilibrando progresso material e preservação dos valores humanos e culturais das comunidades afetadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. "A teoria das representações sociais", p. 262-286. In: **Psicologia Social: Principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ANDRADE, Teresa Cristina Guerra De . **Impactos socioambientais decorrentes do rompimento da barragem de fundão no município de Barra Longa, Minas Gerais**. Repositório UFMG, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MMMD-B9KGLU/1/teresa_andrade___mestrado__vers_o_final_.pdf. Acesso em: 02 jun. 2024.

BERTINI, Fátima Maria Araújo. **Mudanças urbanas e afetos: estudos de uma cidade planejada**. São Paulo: Repositório PUC/SP, 2014.

BRAZ, Milena Marcintha Alves. **Nova Jaguaribara: representações sobre o modo de vida urbano**. Repositório UFC, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6332>. Acesso em: 09 ago. 2024.

BROWN, Brené. **A coragem de ser você mesmo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Best Seller LTDA, 2021.

CARVALHO, Mara Ignez Campos-de; CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade; "Ambiente", p. 28-43. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. "Espaço e lugar", p. 182-190. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

CEARÁ, Lianne. **Memórias Interrompidas**. Fortaleza: Editora Caminhar, 2022.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia Thaís Feijó De. "Apego ao lugar (Vínculo com o lugar - Place attachment)", p. 53-62. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

FRANÇA, Dalila Xavier de; "A Socialização", p. 355 -404. In: **Psicologia Social: Temas e Teorias**. São Paulo: Blucher, 2013

IBGE. Jaguaribara: História e fotos, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/jaguaribara/historico>

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial**. gov.br.. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial>. Acesso em: 18 abr. 2024.

GARCIA, Isabela Pereira; FARIA, Hila Martins Campos. A vivência do luto no contexto de desastres e emergências. **Revista Cadernos de Psicologia**, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/viewFile/2838/1914>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 1. ed. São Paulo: Atlas Ltda,

1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas Ltda, 2021.

GÓIS, Cezar Wagner De Lima. **Psicologia Comunitária: atividade e consciência**. 1. ed. Fortaleza: UNIFOR, 2005.

GÓIS, Cezar Wagner De Lima. **Noções de psicologia comunitária**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

LUIS. **Documentário: a demolição da Velha Jaguaribara**, 2017. 1 vídeo (38:34 min). Disponível em: https://youtu.be/n_G5UquvgPY?si=x3XNbRpSs_oVV1jT

MATHIAS, Dionei. **Pertencimento: discussão teórica**. Scielo, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5j8SHLFb5zy65tR5s5fjpSy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MIRANDA, Onofre Rodrigues De; HEDLER, Helga Cristina. “Cultura, valores humanos e comunicação nas relações intergrupais”, p. 314-349. In: **Psicologia Social: Principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira ; CAVALCANTE, Sylvia. “Identidade de lugar”, p. 208-216. In: **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

NEIVA, Elaine Rabelo; TORRES, Cláudio Vaz. “Psicologia social no Brasil: uma introdução”, p. 31-57. In: **Psicologia Social Principais Temas e Vertentes**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 2 jun. 2024.

ROSA, Miriam Debieux. **O que é o sentimento de pertencimento?**. Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

SANTOS, Jackson Sousa Dos, *et al.* **Elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do município de Gonçalves Dias - MA**. Geografia: Publicações Avulsas, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/10551>

SOUSA, Karine Nogueira De; SOUSA, Priscila Cristiane De. **Representação social: Uma revisão teórica da abordagem**. Research, Society and Development, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org>. Acesso em: 10 out. 2024.